



## A VARIÇÃO REGIONAL NO FALAR DOS JOVENS CACERENSES

Simone Carvalho MENDES (UNEMAT)<sup>1</sup>  
Jocineide Macedo-KARIM (UNEMAT)<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste trabalho temos como objetivo analisar a frequência de uso da alternância do [ão] por [on] no falar dos jovens cacerenses, à luz da teoria da Sociolinguística Variacionista. A análise foi baseada nos estudos dos teóricos de Labov (2008) e Tarallo (1997). Optamos por analisar a fala dos jovens nativos da comunidade de Cáceres- Mato grosso. A fala dos jovens da comunidade foi gravada, transcrita e analisada conforme os fatores condicionadores linguísticos e extralinguísticos. Com a análise, pudemos observar que as jovens nativas da cidade de Cáceres moradoras de diversos bairros da cidade, tendem a utilizar com maior frequência a forma padrão regional [on] do que os jovens do sexo masculino, desse modo elas conservam a variante da região, mantendo produtiva a variante utilizada por seus ancestrais.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação. Jovens. Comunidade.

**Abstract:** In this paper I use to analyze the frequency of alternating [ão] by [on] the talk of cacerenses young, in the light of the theory of Sociolinguística variationist. The analysis was based on studies of the theoretical Labov (2008) Tarallo (1997). We chose to analyze the speech of young natives of Cáceres- Mato Grosso community. The speech of the local youth was recorded, transcribed and analyzed as factors linguistic and extralinguistic conditioners. With the analysis, we observed that the native youth of the city of Cáceres residents of several neighborhoods, tend to use more often the regional standard way [on] than young males, thus they retain variant of the region while maintaining productive variant used by their ancestors.

**Keywords:** Sociolinguistics. Variation. Young. Community.

## 1. Introdução

Neste estudo temos como objetivo descrever e analisar os usos linguísticos no falar dos jovens cacerenses, levando em consideração que “o objeto da Sociolinguística o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social”, isto é, em situações reais de uso. Tomamos como ponto de partida a comunidade linguística, que segundo Alkmin (2011, p.31) “uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras”.

Desta forma, ao analisar qualquer comunidade linguística, o pesquisador irá se deparar com a diversidade ou variação linguística, ou seja, as comunidades possuem diferentes modos

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres/MT – Brasil. [simoneisis\\_cm@hotmail.com](mailto:simoneisis_cm@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professora Doutora em Linguística do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/Cáceres/Brasil. [jocineidekarim@yahoo.com.br](mailto:jocineidekarim@yahoo.com.br) – Orientadora da pesquisa.



de falar e partindo desse pressuposto, verificamos quais as variantes regionais presentes no falar dos jovens cacerenses do sexo masculino e feminino, com idades de 15 a 25 anos.

Iniciamos nosso estudo linguístico, com base nos critérios metodológicos da Sociolinguística Quantitativa, e como em nossas entrevistas apareceram diferentes variações linguísticas, decidimos analisar apenas a frequência do uso a alternância do [ãõ] por [on], no falar dos jovens cacerenses, tendo em vista, que essa variante linguística foi mais produtiva em nossas entrevistas.

O *corpus* da pesquisa foi constituído por entrevistas face a face, sendo que estas foram realizadas em diferentes bairros da cidade, o número de bairros percorridos foi determinado conforme a necessidade de completar as células de informantes. As entrevistas foram realizadas nos bairros: Cavahada, Massa Barro, Vila Irene e Vila Mariana, totalizando doze entrevistas, seis do sexo feminino e seis do sexo masculino, com idade de quinze á vinte e cinco anos, todos escolarizados.

Dessa forma, podemos observar que a cidade de Cáceres possui uma grande fonte de material para pesquisadores de várias áreas, principalmente para os linguistas, pois, a cidade apresenta aspectos linguísticos e culturais que foram trazidos tanto pelos colonizadores quanto pelos imigrantes que vieram para essa região.

## 2. Procedimentos metodológicos - a constituição do *corpus* e das amostras

Apresentarmos os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa, tomando como base os fundamentos teóricos de Tarallo (1997). Dessa forma, apresentamos neste tópico como ocorreu a constituição do *corpus*, sendo necessário mostrar os critérios utilizados para a seleção dos informantes e seu perfil sociocultural, destacamos ainda como se deu a coleta de dados e a transcrição dos dados para a análise.

De acordo com Tarallo (1997, p. 21) “o pesquisador-sociolinguísta, como afirmamos, deve coletar: 1. Situações naturais de comunicação linguística e 2. Grande quantidade de material, de boa qualidade sonora”, seguindo este percurso, com gravador de voz em punho, iniciamos a coleta dos dados entre os dias 12 de julho de 2014 à 10 de agosto de 2014, neste período foram entrevistados 12 jovens da cidade de Cáceres com idades de 15 à 25 anos, sendo que destes, seis são do sexo feminino e seis do sexo masculino.

Além da consideração do sexo e da faixa etária, os informantes nativos da cidade de Cáceres foram selecionados de forma a respeitar os seguintes critérios: a) ser nascido na cidade de Cáceres; b) ter pais nascidos na região sudoeste do Estado de Mato Grosso.



Para conseguir as entrevistas e capturar a fala natural dos informantes mais jovens, organizamos um roteiro com vinte e três perguntas voltadas para a cultura cacerense. Tendo em vista, que o nosso objetivo era capturar a fala espontânea dos jovens, nós decidimos realizar as entrevistas com o aparelho celular, pois este é um objeto conhecido pelos jovens, fator favorável, pois o aparelho celular não causaria estranheza aos entrevistados, ou seja, a entrevista se tornaria mais informal proporcionando a captura da fala espontânea desses jovens como sugere Tarallo (1997, p. 21), que diz que o propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados.

Cada entrevista teve a duração de 15 a 30 minutos, sendo que cada uma delas foram transferidas para o computador e transcritas uma à uma, e para a transcrição das entrevistas levamos aproximadamente de 3 a 4 horas, isso porque a transcrição dos dados requer do pesquisador grande atenção, pois os dados coletados devem ser transcritos conforme a fala dos entrevistados.

## 2.1 A transcrição dos dados

O levantamento linguístico do falar dos jovens cacerenses foi feito através de entrevistas e de transcrições grafemáticas, com isso procuramos preservar ao máximo a língua falada dos jovens informantes, sendo assim, tomamos como base a definição que Tarallo (1997, p. 19) descreve a língua falada, segundo o referido autor “a língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”.

Ainda neste mesmo pensamento, Tarallo (1997, p. 19), segue dizendo que, “a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos proposições ideias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação”, dessa forma, trazemos a partir da próxima sessão a transcrição grafemática, trechos de entrevistas que apresentam a língua falada naturalmente, ou seja, o vernáculo.

## 3. Análise dos dados: a variação regional no falar dos jovens cacerenses

Segundo Alkmim (2011, p. 32) “Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda



comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas”. Seguindo o raciocínio de Alkmim, podemos dizer que a Sociolinguística Variacionista tem o cuidado, em identificar, descrever e interpretar as variáveis que interferem na variação ou mudança linguística.

A variação ocorre no uso da língua de maneiras diferentes, sendo que as variantes são escolhas de uso do falante, á qual ele inseri no seu falar na hora do pronunciamento. A esse respeito Alkmim (2011, p. 39), diz que “no ato de interagir verbalmente, um falante utilizará a variedade linguística relativa a sua região de origem, classe social, idade, sexo, etc. e segundo a situação em que se encontrar”.

Tarallo (1997, p. 33) afirma que “não há loteria sem apostadores; futebol, sem adversários; guerra, sem soldados, nem tampouco “caos” linguístico sem variantes! Em todas essas situações de competição, a presença de um mediador faz-se necessária para que o conflito se resolva”, ou seja, em todas as sociedades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores e o favorecimento do uso de uma variante e não de outra é em decorrência de fatores linguísticos e não-linguísticos, sendo que os fatores não-linguísticos, ou conhecido também como extralinguísticos, são fatores externos à língua que envolvem o falante no seu ambiente de vivência.

Nessa comunidade, constatamos o uso da alternância [ão] por [on] no falar dos jovens cacerenses e nos propomos a sistematizar a variação conforme a teoria da Sociolinguística Variacionista com base nos estudos de Labov (2008) e Tarallo (1997). Para entendermos as variantes em estudo, usaremos como exemplos trechos das entrevistas:

- (1) Já di siriri, nu, nu,grupu **tradiçon** aqui da cidadi. (EPOM20)
- (2) Vôti eu odeio **lambadon**, di rasquiadu eu gostu um poco, mas não muito. (GFAF20)

A variação linguística em (1) e (2) é marcada pela alternância da forma padrão do ditongo [ão] pela forma padrão regional do ditongo [on] no falar dos jovens cacerenses. As variantes em análise são as terminações [ão] e [on], as quais foram escolhidas para representar o uso do fenômeno linguístico em estudo na fala dos jovens informantes.

De acordo com as definições de comunidade linguística apresentadas anteriormente observamos que a comunidade linguística em estudo é considerada uma das cidades mais antigas do estado de Mato Grosso, e por isso nos fornece uma grande fonte de material para pesquisa nas diversas áreas de conhecimento e especialmente para os linguistas, isso ficou



evidente em nossa pesquisa, durante a realização das entrevistas na comunidade. Dentre muitas variações que ocorreram nas entrevistas realizadas com nossos informantes citamos três que são consideradas características do falar regional: a) a variação na concordância nominal de gênero; b) as realizações africadas e fricativas e c) a alternância do ditongo [ão] pelo [on].

A seguir apresentamos fragmentos das entrevistas destacamos os três usos linguísticos observados nas entrevistas.

a) A variação na concordância nominal de gênero do falar dos jovens cacerenses

Entre as variações encontradas no falar dos jovens da cidade de Cáceres observamos a variação na concordância nominal de gênero, ou seja, o uso do masculino ao invés do feminino na concordância nominal de gênero, como pode ser observado em alguns trechos das entrevistas realizadas neste estudo com jovens nativos da cidade.

- (3) Nu final di semana nós sempre vamu **no mamãe** i di veis im quando, nu bauniáriu. (RASAF25)
- (4) Final di semana eu ficu im casa, i as vezis eu venhu **no mamãe** passa o dia cum ela, só isso qui eu fassu final di semana. (LPOF22)
- (5) Nu final di semana eu vô **no mamãe, no vovó**, só na casa di parenti. (GFAF20)
- (6) Nu final di semana eu vô nu bar du Marcus, nu curu, nu curral (risos) i nu duminu nós costuma si riuni **no mamãe** pra almoça cum ela. (JOSM20).

b) A alternâncias das realizações africadas [tche] e [dje] no lugar das fricativas [che] e [je] no falar dos jovens cacerenses

Entre as variações encontradas no falar dos jovens da cidade de Cáceres está a realização das africadas [tche] e [dje] no lugar das fricativas [che] e [je], como podemos observar em alguns trechos das entrevistas realizadas com os jovens nativos da cidade:

- (7) Da cultura, eu conheço bastante coisa, eu nasci e fui criada aqui, sô cacerense di **chapa** i cruz, minina (risos). (LOSF25)



- (8) Ribuça i **tchuça**. (VALSF25)
- (9) Vai deita **tchulinhu!** Ixpera aí ocê! Sem vergonha. (LPOF22)
- (10) Eu vô na praça di vez im quando leva as criança pra passia, as criança goxtom di i nu **tchiquinhu** sorveti. (RASAF25)

c) A alternância da forma padrão do ditongo [ão] pela forma não padrão do ditongo [on] no falar dos jovens cacerenses

Neste espaço apresentamos fragmentos das entrevistas com a alternância da forma padrão o ditongo [ão] pela forma padrão regional o ditongo [on] no falar dos informantes jovens da cidade de Cáceres. Esta variação ocorreu na fala dos informantes, de ambos os sexos, escolarizados ou não escolarizados.

- (11) Conheço muitas letra di **lambadon** [...] conheço todas lenda daqui, mais conhecida é a da serpente, du **minhocon**, da cathedral [...] achu qui isso também é cultura, **tradiçon...** (LPOF22)
- (12) Nós gosta muito di **lambadon** i rasquiadu [...] as lenda eu conheçu a du **minhocon**. (VALSF25)
- (13) Já di siriri, nu,nu grupu **tradiçon** aqui da cidadi [...] eu gustu di **lambadon** [...] aqui qui eu cresci **inton** tem qui mi orgulha. (EPO20M)
- (14) di milhór a **religion** qui aqui tem muita [...] já dancei bastante **lambadon** nas festa, né. (WTSO20M)

### 3.1 A frequência do uso da alternância da forma padrão [ão] e padrão regional [on] no falar dos jovens cacerenses

Apresentamos aqui os resultados alcançados por meio de tabelas para mostrar o total de ocorrências do uso do fenômeno em estudo. Analisaremos a frequência do uso linguístico a alternância do ditongo [ão] forma padrão por [on] forma padrão regional na fala dos informantes escolarizados do ensino fundamental ao médio completo ou não, considerando a faixa etária de 15 a 25 anos, sendo informantes do sexo feminino e masculino.



### 3.2 A alternância do [ão] pelo [on] segundo o sexo do informante

A variável sexo é um fator extralinguístico de análise importante para a determinação das ocorrências, tendo em vista, que a comunidade se constitui de informantes do sexo masculino e feminino.

A seguir apresentamos os resultados do uso das formas padrão [ão] e [on] por meio das Tabelas 1 e 2 abaixo:

Tabela 1: Ocorrências das formas padrão [ão] e padrão regional [on] no falar das informantes do sexo feminino

<b>Informante do sexo feminino</b>	<b>Ocorrência [ão] e % de uso</b>	<b>Ocorrência [on] e % de uso</b>
<b>RASAF25</b>	2 11,11 %	6 18,75 %
<b>LOSF25</b>	3 16,67 %	9 28,12 %
<b>FNBF16</b>	6 33,34 %	2 6,25 %
<b>VALSF25</b>	2 11,11 %	2 6,25 %
<b>LPOF22</b>	2 11,11 %	7 21,87 %
<b>GFAF20</b>	3 16,66 %	6 18,76 %
<b>Total de ocorrências</b>	18	32

A Tabela 1 destacada acima apresenta as ocorrências do uso da forma padrão [ão] e padrão regional [on], realizadas pelo fator condicionador sexo feminino. Os resultados alcançados mostram que o uso da forma padrão regional, ou seja, a alternância do ditongo [on] totalizou (32) ocorrências, enquanto que o uso da forma padrão [ão] apresentou (18) ocorrências na fala feminina. Comparando o total de ocorrências da alternância [ão] por [on], observamos que a forma padrão regional [on] atingiu o maior número de ocorrências na fala feminina.

Observamos na Tabela 1, que ocorreram (32) ocorrências do uso da variável padrão regional [on] com percentuais de usos variando de 6,25 %, 18,76 %, 21,87 % e 28,12%. Esses percentuais não são numerosos, contudo indica aparentemente, que as jovens informantes nativas da cidade de Cáceres utilizam com maior frequência, a forma padrão regional no seu falar.

A seguir destacamos um fragmento com o uso da forma padrão regional no falar de uma jovem informante da comunidade cacerense:



- (15) Participu di todas as reza i novena qui tem aqui nu bairro, achu qui isso também é cultura, **tradiçõn** é u qui nossus pai i avós dexaram pra nós, **intõn** eu achu qui nós tem qui continua cum essa cultura tão, assim, bunita, rica, eu participu di todas, di **Sõn Jõn**, **Sõn** binidito... (LPOF22)

Tabela 2: ocorrências das formas padrão [ão] e padrão regional [on] no falar dos informantes do sexo masculino

Informantes do sexo masculino	Ocorrências [ão] e %	Ocorrências [on] e %
LSMM25	2 22,22 %	2 10 %
WTSOM20	1 11,11 %	4 20 %
EPOM20	1 11,11 %	6 30 %
RSM22	3 33,32 %	2 10 %
JSMSM25	1 11,11 %	3 15 %
JOSM19	1 11,11 %	3 15 %
<b>TOTAL</b>	<b>9</b>	<b>20</b>

A tabela 2 em destaque apresenta os resultados alcançados em relação ao fator condicionador sexo masculino considerado relevante na pesquisa dessa área do conhecimento. Quanto aos resultados, o uso da forma padrão regional o ditongo [on] totalizou (20) ocorrências, variando o percentual de uso no falar de cada informante que indica índices de 10 %, 15 %, 20 % e 30 % de uso. Já a forma padrão [ão] apresentou (9) ocorrências na fala masculina, indicando índices de atuação que variam de 11,11%, 22,22 % a 33,32 %.

Comparando o total de ocorrências da alternância [ão] por [on], observamos que a forma [on] atingiu o maior número de ocorrências na fala masculina.

Vejamos um exemplo dessa ocorrência na fala do informante do sexo masculino:

- (16) Agó, aqui im casa é tudu dia, só nu **lambadõn**... (JOSM20)

Na pesquisa de campo, notamos que tanto as jovens do sexo feminino como os jovens do sexo masculino, todos escolarizados, no geral utilizam as duas formas a padrão e padrão regional e eles não demonstraram preocupação na escolha de uma ou outra forma. Observamos que a forma padrão regional [on] é uma constante em conversas diárias, nas falas dos



informantes de ambos os sexos. Observando o que Vieira argumenta acerca de como as mulheres educavam as crianças em São Paulo, fica evidente que as atribuições socioculturais podem influenciar na fala tanto dos homens como das mulheres.

Como podemos observar no referido fragmento Vieira (1856, p.249):

[...] é certo que as famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão ligados hoje umas às outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola.

Segundo Vieira, no convívio familiar as crianças falavam a língua indígena e a língua portuguesa as crianças aprendiam na escola, ou seja, eles falavam duas línguas, sendo assim, a colonização local influenciava a fala das pessoas naquela época, dessa forma, podemos entender que assim como a colonização influenciou a fala naquele período ainda existem marcas dessa colonização na língua e esse fato não se restringe à São Paulo, como podemos observar em nossa pesquisa os nossos informantes usam tanto a forma padrão da língua quanto a padrão regional.

Comparando os resultados das Tabelas 1 e 2 observamos que em cada um dos fatores condicionadores sexo feminino e masculino, predomina o uso da variável padrão regional [on] em ambos os sexos. Podemos observar ainda que as jovens nativas da cidade de Cáceres moradoras de diversos bairros da cidade tendem a utilizar com maior frequência a forma padrão regional do que os jovens do sexo masculino, assim como foi verificado em Lima (2007, p.170) ao estudar a variação na concordância de gênero gramatical no falar Cuiabano, o autor fez a seguinte constatação “o que observamos foi que entre as mulheres a variação na concordância de gênero gramatical é mais saliente do que os homens. O índice da não aplicação da regra de concordância nos informantes do sexo feminino foi o dobro do observado nos informantes do sexo masculino. Diante dessa constatação ficou patente que em Cuiabá as mulheres são mais conservadoras do vernáculo, ao passo que os homens são mais inovadores”, desse modo podemos dizer que assim, como as Cuiabanas as Cacerenses, também conservam a variante de sua região, mantendo produtiva a variante utilizada por seus ancestrais.

#### 4. Considerações finais



Nesta pesquisa optamos por estudar a variação regional, ou seja, a frequência do uso da alternância da forma padrão [ão] e a padrão regional [on] no falar dos jovens cacerenses sob a luz da teoria da Sociolinguística Variacionista. Nesta pesquisa nós também trazemos um pouco de outras variações regionais que apareceram em nossas entrevistas como, por exemplo: a variação na concordância nominal de gênero e a realizações das africadas [tche] e [dje] ao invés das fricativas [che] e [je] no falar dos jovens cacerenses.

A metodologia e a teoria da Sociolinguística Variacionista adotadas neste estudo foram instrumentos importantes para os nossos estudos, pois ela nos deu o suporte necessário para que pudéssemos mostrar a frequência da variação e identificar os fatores condicionadores que influenciam a variante.

O *corpus* da pesquisa foi constituído por entrevistas face a face, sendo que estas foram realizadas em diferentes bairros da cidade, o número de bairros percorridos foi determinado conforme a necessidade completar as células de informantes. As entrevistas foram realizadas nos bairros: Cavahada, Massa Barro, Vila Irene e Vila Mariana, totalizando doze entrevistas, seis do sexo feminino e seis do sexo masculino, com idade de quinze à vinte e cinco anos, todos escolarizados. As entrevistas foram transcritas para selecionarmos as ocorrências e medirmos a frequência das variantes padrão e padrão regional no falar dos jovens cacerenses. Dessa forma, podemos caracterizar o contexto em que ocorre a variação em estudo.

Constatamos, com a pesquisa, que no fator extralinguístico sexo, em ambos os sexos predomina o uso da variante padrão regional [on], na fala feminina ocorreram (32) ocorrências do uso da variável com percentuais de usos variando de 6,25 %, 18,76 %, 21,87 % e 28,12%, enquanto na fala masculina verificamos (20) ocorrências, indicando índices de atuação que variam de 10 %, 15 %, 20 % e 30 %, assim constatamos que esta variação permanece viva no falar dos jovens cacerenses, principalmente na fala das mulheres.

Quanto ao fator condicionador escolaridade, verificamos que todos os informantes selecionados são escolarizados, variando apenas o tempo de ensino de completo a incompleto, notamos nas entrevistas, que o uso da variante padrão regional [on] persiste na fala dos jovens informantes, sendo assim, constatamos que essa variante regional não demonstra ser estigmatizada em seu uso pela comunidade.

Assim levantamos duas hipóteses, a primeira seria de que a herança cultural e linguística portuguesa e a caipira, permanecem em Cáceres até os dias atuais, tendo em vista o isolamento pela qual passou essa região durante muitos anos e isto serviu para a preservação da identidade linguística dos moradores dessa região e a outra hipótese seria a de que a frequência produtiva do uso da variante padrão regional [on] foi condicionada também pelo



fato das informantes se sentirem à vontade foram mais espontâneas em relação ao questionário.

Concluimos com os resultados obtidos neste estudo, que a relação dos fatores socioeconômicos e culturais aponta condições para a conservação de traços linguísticos da região, dessa forma, podemos dizer que a variação regional no falar dos jovens cacerenses é produtiva, mantendo viva a variante de seus antepassados.

## 5. Referências bibliográficas

ALKMIM, Tânia Maria (2011). Sóciolinguística. In: MUSSALIN F.& BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 9. Ed. São Paulo: Cortez. p. 21-47.

AMARAL, Amadeu (1920). **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 4ª. ed. São Paulo, SP; Brasília, DF: HUCITEC: INL, 1982.

CALVET, Louis-Jean (2002). **Sociolinguística: uma introdução crítica**. (Tradução de Marcos Marcionilo) São Paulo: Parábola.

FERREIRA, João Carlos Vicente (2001). **Mato Grosso e seus municípios**. Cuiabá-MT: Burity.

LABOV, William (1972). **O quadro social da mudança linguística**. IN: Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p. 301-373.

LIMA, José Leonildo (2007). **A variação na concordância do gênero gramatical no falar Cuiabano**. Tese de doutorado. Campinas-SP: IEL – UNICAMP.

MACEDO-KARIM, Jocineide (2004). **A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras.

MENDES, Natalino Ferreira. **História de Cáceres: História da administração municipal**. Cáceres-MT: 2º ed, Editora da Unemat, 2009.

PALMA, Maria Luíza Canavarros. (1980). **Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico**. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (2005). O falar cuiabano em Mato Grosso – Estigma, Status e Atalhos. IN: **Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Almeida, M. M. S. & Cox, M.I. P. (Ogs.). Cuiabá, Cathedral Publicações. p. 139-165.

PÓVOAS, L. C. (1977). **Mato Grosso – um convite à fortuna**. Rio de Janeiro: Guavira Editores Ltda.

SILVA NETO, Serafim da. (1960). **Língua, cultura e civilização: estudos de filologia portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

\_\_\_\_\_. (1970). **História da língua portuguesa**. 2ª. ed. aumentada, Rio de Janeiro: Livros de Portugal.



SILVA, Mariza Pereira. (2000). **Um Estudo de Variação Dialetal: a alternância de [ãw] ~ [õ] final no português falado na cidade de Cáceres-MT**. Dissertação de Mestrado - Campinas-SP: IEL – UNICAMP.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2002.

TARALLO, Fernando. (1997). **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática.

TEIXEIRA, José Aparecido. (1938). O falar mineiro. IN: **Separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**.

VIEIRA, Pe. Antônio. **Obras várias**. v 1. Lisboa: s/ed. 1856.